

A 'metralhadora giratória' do Presidente José Sarney

Tranquilo e muito bem-humorado, o Presidente José Sarney aproveitou um momento de descontração durante o café da manhã de ontem, no Palácio da Alvorada, para afinetar algumas das principais personalidades da política nacional e internacional. Os ataques do Presidente atingem desde o futuro sucessor Fernando Collor e alguns dos seus principais auxiliares até George Bush e Ronald Reagan.

Fernando Collor



"Ninguém vai a festa de rico sem ser convidado. Não adianta chegar lá com sua cadeirinha e dizer: — Vim para a festa" (sobre a idéia de Collor de incluir o Brasil no clube dos países ricos).

Zélia Cardoso de Mello



"A moça tem se mostrado de uma tenacidade à toda prova. É só um candidato levantar a cabeça e a sua pontaria certa o abate na hora. Nunca conversei com ela quando era nossa funcionária".

Bernardo Cabral



"Vocês conhecem ele melhor do que eu. Quanto aos seus auxiliares (os deputados Adolpho de Oliveira e Konder Reis), são pessoas novas. É o que chamam de renovação da política".

Ulysses Guimarães



"O sol nos dá o exemplo: ele nasce, brilha e se põe. Todos nós temos os momentos de apogeu e decadência. Já o PMDB, acabou. É como se fosse uma casa dividida. Isso já vem na escritura".

Orestes Quércia



"Ele me ligou para desmentir algumas declarações suas que haviam sido publicadas em jornais do Rio e de São Paulo. Quem sou eu para duvidar da palavra do Governador de São Paulo?"

Moreira Franco



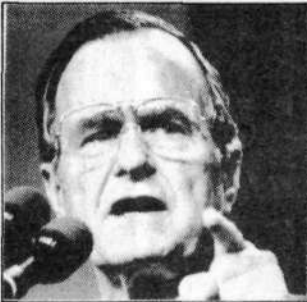
"Quem sufocou o Rio foi o Moreira, com aquela cabeleira dele". (a propósito da entrevista do Governador Moreira Franco dizendo que o Governo federal havia sufocado o Rio de Janeiro).

Luis Inácio Lula da Silva



"A aprovação do parlamentarismo, em 1993, é inevitável. As elites brasileiras não vão querer correr de novo o risco de uma vitória do Luis Inácio Lula da Silva daqui a cinco anos".

George Bush



"Essa política do Presidente Bush de invadir o Panamá abre um grave precedente. Qualquer dia eles mandam os fuzileiros invadir o Brasil com o pretexto de salvar o Raoni e libertar a Amazônia".

Ronald Reagan



"Ele estava desempenhando um roteiro no papel de Presidente. Nos nossos encontros quem falava era o (George) Schultz. O Reagan só ficava consultando as fichas que preparavam para ele".

PSDB



"O grande problema dos 'tucanos' do PSDB é que eles representam apenas uma dissidência paulista do PMDB. O PFL, ao menos, era uma dissidência nacional do antigo PDS".

Sarney aconselha Collor: não se governa sem apoio político

MIRIAM MOURA e RODOLFO FERNANDES

BRASÍLIA — A menos de dois meses de deixar o Governo, o Presidente Sarney tem uma receita para seu sucessor, Fernando Collor de Mello: obter apoio das classes trabalhadoras, dobrar a mentalidade cartorial dos empresários e vencer o desafio de conseguir que isso se traduza em votos num Congresso nem sempre disposto a negociar em alto nível. Para Sarney, nenhuma medida que possa vir a ser adotada pelo futuro Governo será surpresa.

— Nós tentamos tudo, experimentamos de tudo. O que faltou foi apoio político. O problema do País não é econômico, é político — afirma o Presidente da República.

Por isso, não acredita, por exemplo, que o Governo Collor obtenha

novos recursos externos para retomar o desenvolvimento.

— A verdade é que o Brasil está hoje sem o menor poder de barganha no exterior — diz.

Falante e descontraído, bem diferente do Presidente doente, e cabisbaixo da campanha eleitoral, Sarney se prepara para deixar o poder e voltar para a Praia do Calhau, no Maranhão. A distância que o separa do fim do mandato talvez seja o motivo da descontração que permite o manejo da ironia. Por exemplo, quando estranha a oposição declarada do PMDB ao futuro Governo:

— Como vai fazer oposição se o Renato Archer votou no Collor?

Ante a surpresa, explica:

— Lá em Codó, na terra dele, o Collor ganhou disparado. Sarney está disposto a deixar o

cargo e não disputar mais eleições: — Um ex-Presidente não precisa da tribuna do Senado para se pronunciar.

Mas isso não significa que vá se afastar da política. Ele estuda o convite do economista John Kenneth Galbraith para fazer conferências em Harvard (EUA) ou a possibilidade de fazer o mesmo na Universidade de Lisboa, sobre a obra de Eça de Queiroz.

Do futuro Presidente, Sarney lembra o dia em que Collor, Governador de Alagoas, foi ao Palácio da Alvorada com uma equipe de TV para gravar seu depoimento para a campanha eleitoral de 1986, nos tempos do Cruzado:

— Todos, sem exceção, fizeram o mesmo.

Apesar de se referir ao Presidente

eleito sempre com respeito, Sarney discorda da posição anunciada de integrar o Brasil no bloco dos sete países mais ricos do Mundo.

Crítico cada vez mais severo do capitalismo cartorial brasileiro, cita o caso da "indústria branca" — geladeiras e eletrodomésticos em geral — e também o do cimento.

— Até o Antonio Ermirio — ironiza, lembrando que o dono da Votorantim controla 40% da indústria de cimento no País, impondo preços.

Das negociações com o Governo dos EUA, Sarney lembra que teve ativez para defender o interesse nacional. Também enfrentou muitas pressões externas para privatizar empresas brasileiras com a entrada de capital multinacional:

— Não foram poucas as propostas e nunca aceitei negociar a soberania nacional.

Promessa de deixar País em bom estado

O Presidente Sarney disse que até março manterá a política de alinhamento de preços das tarifas públicas, numa prova de que quer entregar o País em bom estado a Collor.

— Vou deixar para o próximo Governo a menor taxa de desemprego (2,9%) da última década e um crescimento econômico de 7,4% no primeiro trimestre de 1990, o que lhe permitirá fazer uma recessão de ajuste nos próximos meses.

Apesar do otimismo, Sarney não vê futuro no sistema presidencialista, pelo qual se bateu na Constituinte. Ele prevê a implantação do parlamentarismo e acha que isso virá por pressão das elites do País, as mesmas que o rejeitaram em 1988. Apesar disso, acha inevitável, após um período de transição, a chegada dos trabalhadores ao poder, como ocorreu na Espanha e em Portugal.

Caminhando pelos amplos salões do Alvorada, Sarney chega à entrada do Palácio e comenta, brincando:

— Uma coisa vão ter que dizer que o Sarney fez no Governo: o corrimão da rampa interna do Palácio da Alvorada — diz, lembrando que mandou colocá-lo depois que seu irmão e um Governador de Estado estatelaram-se no chão.